

TRILHAS E RUMOS DAS LETRAS GUINEENSES

ERICA CRISTINA BISPO*

RESUMO

Este artigo visa a discutir a trajetória da produção literária guineense, considerando as peculiaridades do país. Pretendemos oferecer um breve apanhado dos principais autores. Ao fim, dedicaremos algumas linhas para apresentar um pouco do que já tem sido produzido de crítica literária sobre a produção guineense.

PALAVRAS-CHAVE: literatura guineense, sistematização literária, crítica.

Estamos perante o capítulo menos expressivo do espaço literário africano de expressão portuguesa.

(MANUEL FERREIRA, 1999)

As artes, ao longo dos tempos, têm sido consequência de seu tempo ou, de acordo com a professora Moema Augel (1998), a literatura é “o espelho da sociedade em que se desenvolve” (p.19). É patente para quem se debruça sobre as letras africanas em geral e as guineenses, especificamente, que se está diante de uma produção específica, dotada de uma carga cultural, histórica e identitária que destoam da estética ocidental. O substrato tradicional, as diferentes etnias que compõem hoje um país, as diversas línguas presentes no território e a ação colonial são exemplos de elementos colaboradores para a criação de um paradigma literário específico em África. Na Guiné-Bissau, os males causados pela colonização reverberam na literatura até os dias de hoje.

Consideramos que a produção oral, a contação de histórias, a gama de adivinhas que compõe o imaginário e a cultura guineenses formam um rico compêndio da profícua arte deste povo; entretanto, tais manifestações artísticas, por não estarem registradas no papel e, por

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: bispoerica@gmail.co

vezes, estarem em línguas nacionais, tornam-se inacessíveis ao público exógeno. Talvez tenha sido esta a razão pela qual o professor Manuel Ferreira declarou haver um vazio no cenário literário da Guiné-Bissau, bem como sua produção ser “tardia” e “escassa”.

Diante disso, neste texto, nosso objetivo é discutir em que medida a produção literária guineense é, ainda que escassa e tardiamente, reflexo da “sociedade em que se desenvolve”, uma vez que debate seus próprios problemas e anseios. Além disso, pretendemos oferecer um breve apanhado dos principais autores. Ao fim, dedicaremos algumas linhas para apresentar um pouco do que já tem sido produzido de crítica literária sobre a produção guineense.

ESCASSA E TARDIA

Desde a chegada dos portugueses ao território onde hoje é a Guiné-Bissau, em 1446, até a independência (1973), essas terras funcionaram como entreposto comercial para Portugal; tal função deveu-se, dentre outros fatores, à resistência de várias etnias, entre elas, os Papéis e os Bijagós, o que retardou a real tomada de posse do território pelos portugueses até o final da década de 1950, num processo que ficou conhecido como “Pacificação”.¹ Além da resistência dos povos autóctones, a ligação administrativa da Guiné-Bissau a Cabo Verde, desde 1460, também colaborou para a perduração da função de entreposto comercial. Não havia, portanto, sob o ponto de vista do colonizador, necessidade de existência de escolas para nacionais, “apenas os indivíduos de nacionalidade francesa, inglesa ou portuguesa (nata ou adquirida) tinham o direito a uma educação que fosse mais além da elementar” (AUGEL, 1998, p. 22). As primeiras escolas dedicadas à educação indígena só foram autorizadas e confiadas às missões, quase em sua totalidade católicas, em 1941, com a elaboração do Estatuto do Indigenato, no qual se estabeleceu a distinção de três categorias de cidadãos: os portugueses, os assimilados – nativos que optaram por viver entre os portugueses, servindo-os, adotando seus costumes e sua língua – e os indígenas, o guineense comum. O primeiro estabelecimento de ensino secundário (Liceu Honório Barreto) data de 1958. À guisa de comparação, o primeiro liceu em território cabo-verdiano data de 1861, quase cem anos antes da instituição guineense.

Some-se a isso outro dado: a viabilização de impressos no país. Em 1879, foi criada a Imprensa Nacional, após a separação administrativa de Guiné-Bissau e Cabo Verde (1870). A este veículo coube a publicação de alguns jornais e poucos livros, dentre eles, obras como os *Boletins Oficiais*, cujo objetivo era a divulgação de decretos, leis e acontecimentos ligados à presença portuguesa na colônia, e o *Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa*, periódico trimestral que durou 28 anos (de 1946 a 1973), difusor “de informações no campo da administração colonial e no âmbito cultural, no seu mais amplo sentido” (AUGEL, 1998, p. 57).

Na literatura, até 1963, ano de início da luta armada pela independência, não há produção identificadamente guineense. Ainda assim, destacamos alguns títulos de autores portugueses: *Mariazinha em África* (1925) e *O veneno do sol* (1928), ambos de Fernanda de Castro; *Auá* (1934), de Fausto Duarte; e *África: da vida e do amor na selva* (1936), de João Augusto da Silva. Todas essas obras, por um lado, tiveram origem em virtude da promoção de concursos literários nas colônias pela metrópole, que fomentaram, assim, o desenvolvimento de uma produção literária, mas que, por outro lado, “ratificou o espírito tarzanístico” (LARANJEIRA, 1987, p. 21).

A professora Moema Augel constata que mesmo “depois da independência verificou-se uma estagnação no setor editorial”, agravada pelas “dificuldades inerentes à extrema penúria financeira e às crises sucessivas por que tem passado a jovem república” (AUGEL, 1998, p. 403).

Nos anos em que viveu na Guiné-Bissau (de 1992 a 1998), ela procurou os poetas da terra e os encontrou com os poemas guardados nas gavetas. Ao serem inquiridos acerca de publicação, responderam que publicaram em rádios, em eventos do partido ou em *djumbais*,² ou seja, os poemas chegaram ao público pela via oral, caminho caro a uma cultura de base igualmente oral. As publicações, até a intervenção de Moema e a publicação da coleção *Kebur*, se resumiam a *Poema* (1963), de Carlos Semedo; *Garandessa di no tchon* (1978), de Conduto Pinto; *A luta é minha primavera* (1981), de Vasco Cabral; *Não posso adiar a palavra* (1982), de Helder Proença; *Escola* (1993), de Domingas Samy, a primeira prosadora guineense; além das antologias poéticas *Poilão* (1973), *Mantilhas para quem luta!* (1977); *Momentos primeiros da*

construção: antologia dos jovens poetas (1978); *Os continuadores da revolução e a recordação do passado recente* (1979); *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1991) e *Ecoss do pranto* (1992), sendo os dois últimos publicados em Lisboa. Vale notar que apenas o livro de Carlos Semedo tem data anterior à independência (1973).

SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA GUINEENSE

O professor Antonio Candido nos ensina que “cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude de seus problemas específicos ou da relação que mantém com as outras” (CANDIDO, 2009, p. 11). Côncios disso, deparamo-nos com a sempre frequente pergunta acerca de uma sistematização ou uma separação didática da literatura guineense. Analisemos, portanto, os “problemas específicos” a fim de conseguirmos oferecer um “tratamento peculiar”.

Há estes cinco autores cujas produções poéticas são emblemáticas na Guiné-Bissau, que não foram por nós elencados dentre as obras anteriores à coleção *Kebur*, embora tenham escrito antes da década de 1990: Arthur Augusto da Silva, José Carlos Schwarz, Pascoal D’Artagnan Aurigemma, Jorge Cabral, cujas publicações são póstumas, e Agnelo Regalla, que não teve sua obra publicada em livro.

O autor português Arthur Augusto da Silva (1912-1973) teve sua obra publicada em 1997, em Bissau, numa parceria entre o Instituto Camões e o Centro Cultural Português, com o título *E o poeta pegou num pedaço de papel e escreveu*. A ausência de datas nos poemas e de referências às lutas de libertação leva a intuir que a produção é anterior a 1959. Sobre a temática de suas letras, Moema Augel (1998) afirma que “seus textos mostram em muitas passagens sua atitude de interesse e simpatia pelo autenticamente africano contrário ao comportamento dos representantes da sua camada social” (p. 82). Apesar de ser português, sua escrita não reproduz o discurso exótico e colonial, uma vez que o autor usa cores locais e valoriza costumes, crenças e rituais guineenses em sua poesia.

José Carlos Schwarz é “a personalidade mais fascinante da vida cultural da Guiné-Bissau” (AUGEL, 1998, p. 219). Como toda a sua produção se encontra em crioulo, sua apreciação se torna dificultada ao público brasileiro. Filho de descendentes de alemães, pelo lado paterno,

e de guineenses e cabo-verdianos, pelo lado materno, José Carlos Schwarz nasceu em Bissau em 1949 e faleceu, em Cuba, aos 27 anos, num acidente aéreo, em 1977. Teve sua obra compilada na coleção Kebur sob o título *Ora de kanta tchinga*, lançada em Bissau, em 1997. A produção desse poeta cantou a luta e alimentou o espírito de unidade necessário à formação de uma nação, com respeito à pluralidade étnica e cultural.

Pascoal D'Artagnan Aurigemma (1938-1991) teve seus poemas reunidos no livro *Djarama e outros poemas* (1997). Moema Augel, pessoa responsável pela organização do livro, teve acesso ao acervo da família, em que constava todo o espólio literário do poeta, constando de datação e intencional escolha, organização e seleção do escritor. Em seus poemas, Aurigemma denuncia os maus tratos coloniais, canta a luta pela independência, trata do massacre de Pidjiguiti, refere-se ao herói Amílcar Cabral, mas também registra a desilusão com a política nacional e os desmandos advindos da pós-independência.

Agnelo Regalla (1952) é um brilhante poeta que ainda não publicou uma obra própria. Seus poemas estão distribuídos em diversas antologias de 1977 a 1994.

Jorge Cabral (1952-1994) teve seus poemas publicados com o título *Os marinheiros da solidão* (1998), tratando-se “de um feixe de poemas datilografados, escritos quase todos em francês, a mim [Moema Augel] confiados pelo próprio poeta poucos meses antes da sua morte e que o INEP tomou a si divulgar” (AUGEL, 1998, p. 303). Os poemas datam de 1971 a 1993 e foram escritos em diferentes cidades, como Belgrado, Bissau, Conakry, Dakar etc. Além de se debruçar sobre a luta pela independência, seus heróis e mártires, Jorge Cabral também escreve uma poesia intimista e confessional, discutindo o estar no mundo, por exemplo.

Fica evidente, com essas observações, que há um descompasso entre o período da produção poética e a publicação das obras. Uma das razões para isso nos é revelada pelo ficcionista Abdulai Sila, em entrevista a Fernanda Cavacas, que declara não existir, até 1993, liberdade de expressão, o que impossibilitou a emergência de obras que depusessem contra o governo vigente, por exemplo. Como “cada literatura requer tratamento peculiar” (CANDIDO, 2009, p. 11), vemos que um crítico que pretenda sistematizar a literatura guineense precisa

considerar essas peculiaridades. Não nos atrevemos, ainda, a propor uma divisão de fases ou etapas na literatura, mas identificamos momentos que não formam um paradigma literário, nem tampouco um sistema, como também não podem ser datados, mas reúnem autores e temáticas comuns.

Entendemos que Carlos Semedo sinaliza um primeiro momento da literatura efetivamente guineense – descartamos a produção em território guineense que se limitou a reproduzir o olhar colonial. Ele retrata o país, os costumes nacionais e tingem seus poemas com as cores locais. Ao lado de Semedo, o poeta Arthur Augusto da Silva é apresentado no livro *A nova literatura da Guiné-Bissau* como parte integrante do que a professora Moema Augel intitulou “O despontar da literatura”. Vale destacar que Silva e Semedo escrevem antes da luta pela libertação, ou, no caso de Silva, estão alheios a ela.

Identificamos um segundo momento a partir do massacre de Pindjiguiti, em 03 de agosto de 1959, quando, em repressão à greve de trabalhadores do porto de Pindjiguiti que reivindicavam aumento salarial para marinheiros e estivadores, os colonizadores portugueses assassinaram 50 pessoas e deixaram centenas de trabalhadores feridos. Esse acontecimento foi o estopim para a luta armada pela independência. Apesar da ausência de publicações até o fim da colonização, lemos nas obras publicadas posteriormente os poemas que tomaram a luta e a memória dos mártires como temática.

Num percurso semelhante ao percorrido por Angola e Moçambique, há uma produção ligada à luta pela independência, conscientização da população acerca dos valores africanos, euforia pelo fim da colonização e, posteriormente, a distopia – momento em que se evidencia que o discurso que embalara a luta não se tornara prática política. Contudo, na Guiné-Bissau, o baixo número de publicações e o pequeno número de escritores nos fazem ver na mesma obra essas diferentes fases. Tomemos como exemplo o livro *Noites de insônia na terra adormecida*, de Tony Tcheka (1996).

O poema “A minha força”, datado de 1986, revela o eu lírico buscando força nos elementos da natureza de sua terra e se assemelha às produções ligadas ao Movimento de Negritude:

A minha força
A minha força
é um poilão exorcizando-se
em noite tornado

a sanha gela-me o corpo
e tempera o sangue
na veia verde de raiva

a minha razão
são os corpos amontoados
no Soweto martirizado

a minha razão
cresce na angústia
de Sharpville crepitando
em chamas amarelas de desespero

a minha razão
alimenta-se
do muito que lá sobra
do pouco
para tanta fome
nesta África em penitência
(TCHEKA, 1996, p. 95)

O poema começa com a evocação do Poilão, árvore típica do cenário guineense e considerada sagrada para algumas etnias, como fonte de vida. A associação desta evocação à energia vital de que nos fala Hampâté Bâ é inevitável. Entretanto, sua razão de existir não vem da natureza, mas do massacre cometido àqueles a quem o eu lírico considera irmãos, que sofrem em Soweto e em Sharpville, na África do Sul. A compaixão torna-se raiva. Apesar de escrito em 1986, a temática associada aos movimentos políticos da década de 1960 nos permite associar este poema à negritude.

O texto “Hino do dia novo” menciona cidades, regiões, rios e colinas guineenses importantes na trajetória da luta armada. No canto, o poeta inclui também Pindjiguiti.

HINO DO DIA NOVO

Companheira minha
vem comigo ao ourique da Bedja-Mariama
vem canta comigo a nova madrugada

façamos um hino
ao dia novo
com rimas de Maramar!!!

sente, Companheira...
sente nascer na bolanha
na enxada do camponês
a brisa do amanhã

vem, Companheira minha
das noites sem luar
hoje há lua estrelas até cassiopeia brilhando

vem beijar a terra pisada
por pés famintos
e sentir a dor que o tempo não matou!

Companheira, repara
há um sorriso novo
na face do pioneiro
sorriso que matou
a barriga grande de fome
e fez o menino sentir-se menino

Companheira minha, ah!
toma-me nos teus braços
em mim a ânsia secular
que foi à guerra
tombou para levantar depois
como uma flor a desabrochar

em mim
a vontade nascida nos porões
a caminho de São Tomé...
no Pindjiguiti quando tindo se tingiu
para que vozes secularmente silenciadas
ecoassem no turvo Geba
às colinas de Boé

ah boniteza vem a mim
à palmeira da vida
acaricia meus braços
que plantam cravos vermelhos
e fazem o arado beijar a terra
numa soma imensa
que os computadores não computam

vem, Companheira
vamos a Komo rebuscar a força
para não desfalecermos depois da
caminhada
vamos a Komo beber na fonte
onde bebeu a última gota
o primeiro guerrilheiro-sem-nome que
caiu...

(TCHEKA, p. 101-102)

Num tom diferente do poema anterior, este é eufórico e data de 1977, poucos anos após a independência. O poema convida uma “Companheira”, palavra sempre grafada em letra maiúscula, o que a diferencia do restante do texto – recorrentemente marcado pela minúscula em sua quase totalidade –, a passear pelo país a fim de desfrutar no dia novo que chegara com a independência. Vale notar que o poema tem a mesma data da publicação de *Mantanhas para quem luta!*, a primeira antologia publicada no país, em 1977.

Na contramão do discurso de “Hino do dia novo”, Tony Tcheka nos apresenta “Ventriloquismo”:

VENTRILOQUISMO

Já não sei
se o poeta
falou a verdade
Já não sei
se o amanhã
é um canto
madrugando
nalgum canto
Já não sei
se o amanhã
desabrocha
em flor
se amor
encanto
ou desengano

Manto de fantasia
esse amanhã
inebria a sua letra-arte
que o tempo
agora amolece
Mas já não sei...
confesso
 já não sei...
quando amanhece
esse amanhã
(TCHKA, p. 93)

“Ventriloquismo”, de 1989, retoma a temática de alguns poemas seus e de outros autores de *Mantinhas para quem luta!*. O amanhã, outrora cantado, é aqui questionado, revelando a distopia da escrita do final da década de 1980.

Tcheka não se limita à militância política, ele também apresenta poemas intimistas, sobre o fazer poético e de temática universal, como “Força de paixão”, de 1992:

FORÇA DE PAIXÃO

os poemas

que amanhã

não escreverei

esgotaram-se ontem

no sossego

do teu corpo bronze

que levita

o amor

e eterniza a paixão!

(TCHEKA, 1996, p. 39)

Todos esses poemas estão compilados numa mesma obra poética publicada em 1996, ainda que subdivididos em seções, estas não obedecem a uma ordem cronológica, mas temática. A seção “Poesia brava”, por exemplo, abarca tanto o canto dos mártires de Pindjiguiti quanto o desalento com a contemporaneidade.

O que percebemos na obra de Tony Tcheka se dá também com Jorge Cabral, Francisco Conduto Pina, Pascoal D’Artagnan Aurigemma e Félix Sigá. Os mesmos poetas que convocaram para a luta e cantaram a independência escrevem também sobre a distopia e outros assuntos.

Completam o grupo que incluímos neste segundo momento alguns autores que destoam parcialmente dessa trajetória, por não tratarem da distopia: Agnelo Regala e Helder Proença, cuja produção tem muito do cantar a luta e da euforia de libertação; e Vasco Cabral, que se destaca por conter, em sua obra, traços marcantes da negritude, uma vez que pertenceu à geração da Casa dos Estudantes do Império, ao lado de Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mario de Andrade e Marcelino dos Santos.

O terceiro momento abarca Domingas Samy, Odete Semedo, Abdulai Sila, Filinto de Barros, Huco Monteiro, Respício Nuno, Filomena Embaló e Raul Mendes Fernandes. Estes são autores que não escrevem sobre a luta de libertação a partir da euforia. Quando revisitam esse período, o fazem com o olhar crítico de quem enxerga com lucidez os ganhos da independência, mas também de quem nota o descompasso entre o discurso guerrilheiro e a prática política.

Queremos reforçar que as datas de publicação dos livros não são uma boa referência para qualquer tentativa de sistematização desta literatura. Como exemplificação, tomemos a obra de Abdulai Sila, composta, até agora, por três romances e duas peças teatrais. Sua primeira obra publicada foi *Eterna paixão* (1994); em entrevista, o autor afirma que esse foi um livro que continha aquilo o que ele queria dizer naquele momento. O enredo metaforiza o momento político vivido pela Guiné-Bissau, quando se alarga a distância entre os discursos de Amílcar Cabral, pai da nacionalidade guineense e líder da luta pela independência do país, e a prática dos políticos que assumiram o governo. O narrado contém roubos, desvios de dinheiro, subornos, maus tratos às classes mais baixas da sociedade e manutenção da pobreza. A reflexão feita por Sila, em 1994, se coaduna com o discurso de Tony Tcheka, em “Ventriloquismo”, e se distancia de “Hino do dia novo”, ambos veiculados num livro de 1996, ou seja, posterior à publicação de Sila. Mesmo com a publicação em data anterior, entendemos que Sila pertence a um momento literário posterior ao de Tcheka, já que este iniciou sua escrita anteriormente.

Vale enfatizar que esta é apenas uma tentativa provisória de sistematização para fins didáticos, há muitas lacunas a serem preenchidas antes de uma categorização mais aprofundada.

FORTUNA CRÍTICA

Até 2003, ainda havia poucos trabalhos críticos, no Brasil, dedicados às letras da Guiné-Bissau. Nossa dissertação de Mestrado, *Gestos e vozes de papel: Odete Semedo e a reinvenção de passadas e estórias da tradição oral guineense*, concluída em agosto de 2005; a tese de Doutorado de Moema Augel, *O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*, defendida em dezembro do mesmo ano e, em 2007, publicada em livro; e a tese de Doutorado de Alfeu Sparemberger, *A singularidade da literatura guineense no contexto das literaturas de língua portuguesa*, de 2004, foram os primeiros estudos, na Pós-Graduação, sobre autores guineenses.

Um trabalho muito valioso é o desenvolvido por Rogério Andrade Barbosa, que mantém, há anos, uma pesquisa pessoal iniciada com sua

estada na Guiné-Bissau, durante dois anos, como professor voluntário das Nações Unidas, cujo resultado foi a autoria de uma série de livros infantojuvenis, contendo recolhas recriadas de histórias tradicionais africanas, em especial dos povos que habitam o território guineense.

Em 1999, Carmen Tindó selecionou 22 poemas de 14 autores da Guiné-Bissau para compor a seção guineense da obra *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: volume III: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau*, que apresenta, também, uma introdução com dados histórico-geográficos sobre o referido país e um breve panorama das letras na Guiné-Bissau. Esse livro integra uma série de três antologias poéticas, sob a temática do mar nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa.

A lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que insere no currículo da educação básica o ensino de História e Cultura da África, dos africanos e dos afro-brasileiros, certamente colaborou para o aumento do interesse dos estudantes de Letras à produção africana como um todo.³ Na verdade, ela colaborou para um aumento significativo da procura por nossa área de estudos no ambiente acadêmico, para a inserção da cadeira de Literaturas Africanas em grande parte dos cursos de Letras e, também, para a expansão das publicações sobre África por editoras brasileiras.

A produção guineense não é só escassa, mas é aquela cujos livros estão entre os de mais difícil obtenção no Brasil. Ainda assim, a tese de Doutorado da professora Moema Parente Augel constata o estudo de autores guineenses em algumas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em universidades brasileiras (cf. AUGEL, 2007, p. 113). Desde a publicação da tese de Augel em livro, notamos um real crescimento do número de comunicações sobre obras literárias guineenses em congressos, seminários e simpósios. Um exemplo disso é visível no aumento da quantidade de trabalhos apresentados em encontros de professores de Literaturas Africanas.

O I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, organizado pela Universidade Federal Fluminense, ocorrido em Niterói, em 1991, contou com o artigo de Simone Caputo Gomes, intitulado “A presença de Amílcar Cabral na literatura africana de língua portuguesa e crioula”. No artigo, ela investiga a ressonância de ideais do líder político na escrita poética de Alda do Espírito Santo

(de São Tomé e Príncipe), Emanuel Braga Tavares e Tacalhe (ambos de Cabo Verde). Esse texto foi publicado nos Anais do evento, em 1995.

O II Encontro, ocorrido em 2003, na USP, contou com apenas um trabalho que mencionava a Guiné-Bissau: o texto de Suzana Rodrigues Pavão, intitulado “África-Brasil: uma ponte sobre o Atlântico. A literatura popular e oral no Brasil e na Guiné-Bissau”, que foi posteriormente publicado na revista *Scripta*, n. 13. O artigo tratou dos pontos de contato existentes entre as narrativas orais brasileiras e guineenses, ou seja, não houve nesse evento nenhum trabalho sobre textos de autoria identificada.

O III Encontro de Professores de Literaturas Africanas, em 2007, sediado no Rio de Janeiro, resultou em dois livros, que contaram com muitos artigos, três deles sobre a literatura guineense. O primeiro, de Moema Augel, foi “A função simbólica e social da língua guineense na prosa e na poesia”. Acerca de *A última tragédia*, Robson Lacerda Dutra produziu o segundo artigo, intitulado “O romance guineense e a redenção do presente”. Foi de Odete Semedo, autora convidada para o evento, o terceiro artigo: “Guiné-Bissau, mulheres e letras: vozes femininas... por detrás dos escritos...”, um embrião de sua tese de Doutorado, defendida em 2010, na PUC-MG, a respeito das cantigas de *mandjuandadi*⁴ das mulheres guineenses.

Além dos textos publicados nos livros, o evento contou, ainda, com três comunicações sobre a literatura guineense: “A escolha do nome: análise onomástica da *Trilogia*, de Abdulai Sila”, de nossa autoria; a de Karin Lilian Hagermann Backes, “A aprendizagem de Ndani, por Abdulai Sila”; e o texto “Odete Semedo, mar e poesia”, de Evelyn Blaut Fernandes, uma análise do poema “Poemar”, de Odete Semedo. Esses trabalhos estão disponíveis na íntegra no CD-ROM do *III Encontro de Professores de Literaturas Africanas: Pensando África* (2008).

Os textos sobre literatura guineense inscritos no IV Encontro, em 2010, possibilitaram a formação de uma mesa-redonda e uma sessão de comunicações, totalizando seis apresentações resultantes de teses de Doutorado, pesquisas em andamento na Pós-Graduação, além do depoimento da escritora Odete Semedo. Dentre esses, os trabalhos de Francisca Zuleide Duarte de Souza (UFPB), de Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN) e de Angélica Maria Santos Soares (UFRJ) evidenciam,

a nosso ver, a expansão da crítica literária sobre a produção guineense. Angélica Soares, por exemplo, em seu texto “Odete Costa Semedo: poética ecológica (uma leitura de *Entre o ser e o amar*)”, insere a produção da poetisa guineense em sua pesquisa “Horizontes ecológicos da memória poética feminina (momentos selecionados das literaturas brasileira, portuguesa e africana contemporâneas)” e apresenta uma bela e emocionante análise da poesia de Semedo.

O V Encontro de Professores de Literaturas Africanas e I Encontro Afrolic – Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos –, realizado em Porto Alegre, em 2013, reuniu dez trabalhos sobre a produção literária guineense. Moema Augel apresentou o ensaio “Djambakus, Morus, Bideras. Migrantes guineenses no espelho da literatura”, que versou sobre as personagens em trânsito na produção de diferentes autores do país.

A produção de filmes foi representada pela comunicação “‘Patrão é sempre patrão’: condições de produção pós-coloniais no filme *Nha fala*, de Flora Gomes”, de Jusciele Conceição Almeida de Oliveira, da UFBA. A escritora Filomena Embaló foi apresentada por Giselle Rodrigues Ribeiro, no trabalho “O casamento como uma imposição para jovens da Guiné-Bissau”.

Três trabalhos foram sobre Odete Semedo, dois deles sobre a obra poética *No fundo do canto* (2003). Valdenides Cabral de Araújo Dias (UFRN) destacou a escrita de dor no texto “Entre a dor lida e a dor sentida: a poesia Se(m)edo”. Karina de Almeida Calado, mestranda da PUC-MG, comparou a poetisa guineense a Conceição Evaristo no trabalho “Imagens de nação em Odete Semedo e Conceição Evaristo”. Um dos trabalhos sobre Semedo se debruçou sobre sua ficção: “Identidade bissau-guineense em *Sonéa – histórias e passadas que ouvi contar*, de Odete Semedo”, de Thaíse de Santana Santos e Inara de Oliveira Rodrigues.

O ficcionista Abdulai Sila se fez representado por quatro trabalhos. Um de minha autoria, “De tragédia e ironia: uma leitura de *A última tragédia*”. Sobre o mesmo romance, houve o texto de Melquisedeque Muniz e Melo: “Uma representação da sociedade guineense por meio do romance *A última tragédia*”.

O texto de Sérgio Paulo Adolfo versou sobre *Mistida*, intitulado “O recurso do realismo animista como estratégia de denúncia político-

-social no romance *Mistida*, de Abdulai Sila”. A comunicação “Um estudo sobre Abdulai Sila” é o início da pesquisa de doutorado de Suely Santos Santana, na UFBA, que visa a analisar a *Trilogia* do ficcionista.

Notamos o significativo aumento no número de trabalhos sobre a produção guineense, a partir do advento das edições brasileiras de três obras, uma de crítica e duas literárias, respectivamente: *O desafio do escombros* (2007), de Moema Augel; *A última tragédia* (2006), de Abdulai Sila; *No fundo do canto* (2007), de Odete Semedo.

Já é perceptível certa quantidade de trabalhos de conclusão de curso de Graduação e de Especialização sobre esses dois autores; há também alguns de Iniciação Científica. Destacamos a monografia de conclusão do curso de Especialização *A Guiné-Bissau no fundo do canto: o épico identitário de Odete Semedo*, de Monaliza Rios Silva, apresentada em 2010, na Universidade Estadual da Paraíba; o trabalho de conclusão de curso de Graduação de Aldaneide Silva Pereira, com o título *Conflitos identitários em A última tragédia de Abdulai Sila*, apresentado em 2010, na Universidade Estadual da Paraíba; a tese de Doutorado em andamento de Severino do Ramo Correia, intitulada *O sotaque da representação subalterna em Abdulai Sila, Buchi Emecheta e Paulina Chiziane*, na Universidade Estadual da Paraíba; e o Mestrado, defendido recentemente, de Jusiele Conceição Almeida de Oliveira, estudante da Universidade Federal da Bahia, cuja dissertação se intitula *Tempos de guerra e de paz guineenses: dilemas da pós-colonialidade no cinema de Flora Gomes*.

Dentre os trabalhos mais recentes, merece realce a dissertação de Mestrado defendida em 2011 por Leticia Valandro, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada *A difícil mistida guineense: nação, identidade da Guiné-Bissau através da Trilogia de Abdulai Sila*. Leticia Valandro já havia apresentado outros trabalhos sobre Abdulai Sila. Seu primeiro texto sobre o autor data de 2007 e se intitula “(Re) construção e afirmação: a identidade da Guiné-Bissau em *A última tragédia*, de Abdulai Sila”, apresentado no XIX Salão e XVI Feira de Iniciação Científica da UFRGS. Em 2010, a estudante apresentou a comunicação “Literatura, memória e nação na Guiné-Bissau”, no IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e, no mesmo ano, publicou o artigo “Memória e construção da nação guineense” na revista *Veredas*, n. 14.

Em agosto de 2013, uniu-se a esses nossa tese de Doutorado, intitulada *Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo objetivo foi realizar uma análise da *Trilogia*, a partir da assunção da tragédia como componente da trajetória histórica guineense.

O livro *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*, organizado pelas professoras Margarida Calafate e Odete Semedo, publicado em 2011, pela Editora Afrontamento, na cidade do Porto, conta com 18 artigos acerca da produção literária guineense, sete deles são textos de autores guineenses e outros sete de professores brasileiros. Trata-se do primeiro livro de ensaios, assinados por autores diversos, exclusivamente dedicado à literatura guineense.

Em 2012, o professor João Adalberto Campato Júnior publicou, pela Arte e Ciência Editora, o sexto volume da coleção “Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas”, intitulado *A poesia da Guiné-Bissau: história e crítica*, cujo principal mérito é editar no Brasil um bom número de poemas guineenses.

Além dos que pusemos em evidência, há uma série de outras comunicações, artigos e trabalhos não citados aqui que têm sido apresentados nos meios acadêmicos brasileiros e que exemplificam o paulatino crescimento dos estudos sobre as letras guineenses no Brasil.

COLEÇÃO KEBUR

Antes de encerrar este texto, vale esclarecer as várias referências à Coleção Kebur. Além de ter buscado os poetas, nos anos em que viveu na Guiné-Bissau, a professora Moema também trabalhou para que eles fossem publicados em livro, o que ocorreu através da coleção Kebur, palavra em crioulo para “colheita”. Foi possível um financiamento na Comunidade Europeia para a edição e publicação de dez livros, dos quais apenas oito vieram a lume.

Abre a coleção a obra *Kebur: barkafon di poesia na kriol* (1996), uma antologia que reuniu 99 poemas em crioulo guineense. Na ausência de uma palavra que traduzisse “antologia” para o crioulo, o poeta Tony Tcheka sugeriu *barkafon*, que significa “cesto”.

O segundo livro da série é *Noite de insônia na terra adormecida* (1996), de Tony Tcheka, sobre quem já falamos. *Entre o ser e o amar*

(1996), de Odete Semedo, é o terceiro livro da série, que reúne poemas de temas diversos da poetisa e a insere no cenário literário do país. Felix Sigá é autor do quarto livro: *Arqueólogo da calçada* (1996). Certamente, ele é um dos grandes poetas do país, com uma grande quantidade de poemas inéditos e que carece ainda de uma leitura crítica mais atenta.

Páscoal D'Artagnan Aurigemma é o primeiro poeta falecido a integrar a coleção com a obra *Djaramma* (1997). O homenageado seguinte foi José Carlos Schwarz, cujos poemas foram reunidos sob o título *Ora di kanta tchiga* (1997). O último livro da coleção foi *Os marinheiros da solidão* (1998), de Jorge Cabral.

A coleção conta ainda, em seu oitavo livro, com uma primorosa pesquisa essencial a qualquer um que deseje aprofundar seus conhecimentos acerca da literatura guineense, trata-se de *A nova literatura da Guiné-Bissau* (1998), de Moema Parente Augel. A obra, que merece uma edição brasileira, oferece um panorama da situação social, política, econômica e educacional no país, debate a questão linguística, além de dedicar um capítulo a cada um dos proeminentes escritores guineenses.

O acesso a esse livro, a obra *Desafio do escombros* (2007) e os constantes diálogos com a pesquisadora nos permitiram escrever este artigo, que constitui uma tentativa de resumir um pouco da sua pesquisa aliando-a já às desenvolvidas por nós. Esperamos que este texto seja motivador de leitura, apreciação e estudo das letras guineenses para os novos pesquisadores e sirva como suporte didático ao estudo daquela que tem sido a mais negligenciada dentre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

PATHS AND ROUTES OF THE GUINEAN LITERATURE

ABSTRACT

This article aims to discuss the course of the Guinean literary production, considering the particularities of the country. We aim to offer a brief overview of its main authors. At the end, we will devote a few lines to present some of what has already been produced in terms of literary criticism on the Guinean production.

KEY WORDS: guinean literature, literary systematization, criticism.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la trayectoria de la producción literaria de Guinea-Bissau, teniendo en cuenta las peculiaridades del país. Tenemos la intención de ofrecer un breve resumen de los principales autores. Al final, vamos a dedicar unas líneas para mostrar un poco de lo que ya se ha producido en términos de crítica literaria en la producción del país.

PALABRAS CLAVE: literatura de Guinea-Bissau, sistematización literaria, crítica.

NOTAS

- 1 Pacificação é o nome dado ao processo de estabelecimento da ordem pelos portugueses, no território guineense, que perdurou de 1879 a 1959. Nos primeiros anos da década de 1950, os portugueses já tinham conseguido fixar postos de controle em quase toda a colônia. O processo, diferente do que aponta o nome, não foi pacífico, foi resultado de um grande massacre de muitas populações locais.
- 2 *Djumbai* é a palavra em crioulo que significa “encontros informais”.
- 3 As pesquisas sobre África foram ampliadas em diversas áreas do conhecimento, mas interessa-nos aqui o efeito da lei apenas nos estudos literários.
- 4 O dicionário *Kriol ten: termos e expressões*, de Teresa Montenegro (2007), define assim *mandjuandadi*: “classe de idade, grupos dos que foram iniciados na mesma altura; grupo de coetâneos” (p. 53). As cantigas de *mandjuandadi* são, na Guiné-Bissau, canções folclóricas entoadas por mulheres durante a realização de suas tarefas ou em eventos rituais.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998.

_____. (Resenha do livro *No fundo do canto*, de Odete Semedo). *Metamorfoses*, n. 5, p. 264-265. *Revista da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros da UFRJ*. Lisboa: Caminho; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

_____. O crioulo guineense e a oratura. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 69-91, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/cespuc/>

Revistas_Scripta/Scripta19/Conteudo/N19_Parte01_art05.pdf>. Acesso em: 21 maio 2013.

_____. O desafio do escombro. *Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. A função simbólica e social da língua guineense na prosa e na poesia. In: SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 39-52.

AURIGEMMA, Pascoal D'Artagnan. *Djarama*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1997.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*, v. 1. Tradução de Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

_____. Palavra africana. *O Correio da Unesco*, ano 21, n. 11, p. 16-20, Paris; Rio de Janeiro, novembro de 1993.

_____. *Amkoulel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

_____. [Confrontações Culturais]. Entrevista concedida a Philippe Decraene no *Le Monde*, em 25 de outubro de 1981. *Thot*, n. 80, p. 3-12, abr. 2004.

BACKES, Karin L. H. A aprendizagem de Ndani, por Abdulai Sila. In: SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *Anais do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas*. Rio de Janeiro: L. Christiano Editorial, 2008. 1 disco a laser para computador.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos ao redor da fogueira*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

_____. *Sunjata, o príncipe leão*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. O canto da Guiné-Bissau. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Atas do Encontro Africanas 10!*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2005. (Publicação em CD-ROM).

BISPO, Érica Cristina. Odete, Djênia e Lamarana: a autora, o livro, a personagem. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Atas do Encontro Africanas 10!*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2005a. (Publicação em CD-ROM).

_____. *Gestos e vozes de papel: Odete Semedo e a reinvenção de passadas e estórias da tradição oral guineense*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005b.

_____. A escolha do nome: análise onomástica da *Trilogia*, de Abdulai Sila. In: SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *Anais do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas*. Rio de Janeiro: L. Christiano Editorial, 2008. 1 disco a laser para computador.

_____. O livro como arma. Entrevista com Abdulai Sila. *O Marrare*, Rio de Janeiro, n. 13, ano 10, 2º semestre de 2010. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

_____. *Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. (Mimeo).

CABRAL, Jorge. *Os marinheiros da solidão*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1998.

CAMPATO JÚNIOR, João Alberto. *A poesia da Guiné-Bissau: história e crítica*. São Paulo: Arte & Ciência, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, v. 1. São Paulo: Livraria Martins, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE CULTURA (Org.). *Mantenhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau*. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, INEP, 1977. Reprint. Bissau: União Nacional de Artistas e Escritores, 1993.

DUTRA, Robson. O romance guineense e a redenção do presente. In: SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *Anais do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas*. Rio de Janeiro: L. Christiano Editorial, 2008.

FERNANDES, Evelyn B. Odete Semedo. In: SECCO, Carmen (Org.). *Literaturas africanas de língua portuguesa*. Compilações das comunicações do COLÓQUIO SOBRE LITERATURA DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, de 1985. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. p. 15-24.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1999.

GOMES, Simone Caputo. A presença de Amílcar Cabral na literatura africana de língua portuguesa e crioula. In: PADILHA, Laura C. (Org.). *Anais do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995.

KOUDAWO, Fafali. *Cabo-Verde e Guiné-Bissau: da democracia revolucionária à democracia liberal*. Bissau: INEP. 2001.

LARANJEIRA, José Luis Pires. Formação e desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa. In: FERREIRA, Manuel (Org.). *Literaturas*

africanas de língua portuguesa. Compilações das comunicações do COLÓQUIO SOBRE LITERATURA DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, de 1985. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. p. 15-24.

LOPES JÚNIOR, António Soares (Org.). *O eco do pranto: a criança na moderna poesia guineense*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1992.

MONTENEGRO, Teresa. *Kriol ten: termos e expressões*. Bissau: Ku Si mon, 2007.

OLIVEIRA, Jusciele C. A. Nha Fala e Sonéá: relação de tradição e modernidade nos rituais funerários guineenses. Iv Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP; PUC-MG, 2010.

PADILHA, Laura C. (Org.). *Anais do I Encontro de professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995.

PAVÃO, Suzana Rodrigues. África-Brasil: uma ponte sobre o Atlântico. A literatura popular oral no Brasil e na Guiné-Bissau. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 341-348, 2º sem. 2003. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta13/Conteudo/N13_Parte04_art10.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2012.

PROENÇA, Helder. *Não posso adiar a palavra*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

QUEIROZ, Amarino O. Destórias, passadas, contagis e soias: diálogos entre oralidade e escritura nas literaturas da Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010.

RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa (Orgs.). *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*. Porto: Afrontamentos, 2011.

SCHWARZ, José Carlos. *Ora di kanta tchinga*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1997.

SECCO, Carmen (Coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 1999.

SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Angola: UEA, 2010.

SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio et al. (Orgs.). *Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SEMEDO, Odete Costa. *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

_____. *Sonéá: histórias e passadas que ouvi contar I*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 2000a.

_____. *Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 2000b.

_____. *No fundo do canto*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2003.

_____. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

_____. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literaturas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010a.

_____. Poesia e panos de pente: referências simbólicas nas entrelinhas da literatura guineense. IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010b.

_____. Guiné-Bissau, mulheres e letras: vozes femininas... por detrás dos escritos. In: SECCO, Carmen; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio (Orgs.). *Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010c.

SIGÁ, Félix. *Arqueólogo da calçada*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), 1996.

SILA, Abdulai. *Eterna paixão*. Bissau: Ku Si Mon, 1994.

_____. *A última tragédia*. Bissau: Ku Si Mon, 1995.

_____. *L'ultime tragédie*. Saint-Maur (França): Edicions Sépia, 1996.

_____. *Mistida*. Bissau: Ku Si Mon, 1997.

_____. *Mistida (Trilogia)*. Praia: Centro Cultural Português/Instituto Camões, 2002.

_____. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. *As orações de Mansata*. Bissau: Ku Si Mon, 2007.

_____. *Dois tiros e uma gargalhada*. Bissau: Ku Si Mon, 2013.

SOARES, Angélica M. S. Odete Costa Semedo: poética ecológica (uma leitura de *Entre o ser e o amar*). IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas,

Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010.

SOUZA, Francisca Z. D. O fato e o fato em *A última tragédia*, de Abdulai Sila. IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010.

SPAREMBERGER, Alfeu. *A singularidade da literatura guineense no contexto das literaturas de língua portuguesa*. 2004. 339p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (Mimeo).

TCHEKA, Tony. *Noites de insônia na terra adormecida*. Bissau: INEP, 1996.

_____. *Guiné sabura que dói*. São Tomé e Príncipe: UNEAS, 2008.

VALANDRO, Letícia. Memória, literatura e nação na Guiné-Bissau. IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010a.

_____. Memória e construção da nação guineense. *Revista Veredas*, n. 14. Santiago de Compostela, 2010b. Disponível em: <<http://www.lusitanistasail.org/publicacoes/revista-veredas/a-revista/veredas-numero-14/361-memoria-da-nacao-guineense.html>>. Acesso em: 1º jan. 2013.

_____. *A difícil mistida guineense: nação, identidade da Guiné-Bissau através da Trilogia de Abdulai Sila*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34691/000791380.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1º jan. 2013.

Recebido em 18 de maio de 2014

Aprovado em 21 de junho de 2014
